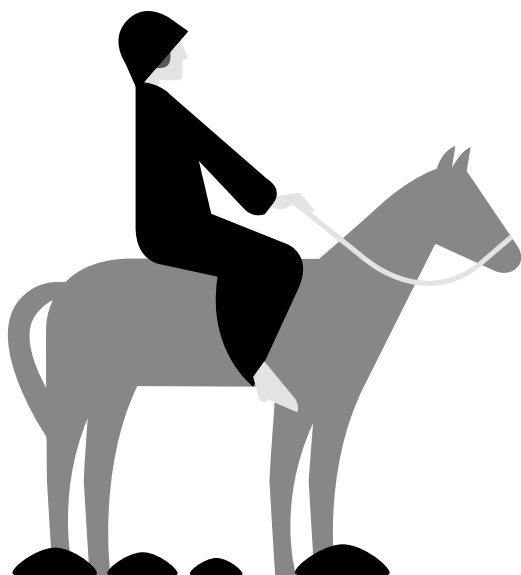


TINTA
DA
CHINA
I brasil I

MULHERES VIAJANTES



SÓNIA
SERRANO

SÃO PAULO
TINTA-DA-CHINA BRASIL
MMXXV

Preâmbulo, 7

PRIMEIRA PARTE

A invenção da viagem, 13

A mulher e a viagem, 22

A mulher e a escrita, 32

Os perigos, 42

Segurança, 42

Saúde, 51

Higiene, 53

A roupa, 55

A comida, 63

A logística da viagem, 67

O transporte, 73

A dormida, 79

Viajantes — porquê estas?, 82

SEGUNDA PARTE

As pioneiras, 87

Egéria, 88

Mencia de Calderón, 93

Catalina de Erauso, 96

Paixões orientais, 107

Lady Mary Wortley Montagu, 109

Lady Hester Lucy Stanhope, 122

Jane Dieulafoy, 142

Gertrude Bell, 151
Freya Stark, 168
*Outras mulheres no
Médio Oriente*, 184
No coração das trevas, 191
Mary Kingsley, 196
Karen Blixen, 206
À volta do mundo, 217
Jeanne Baret, 222
Ida Laura Pfeiffer, 229
Isabella Bird, 239
As viagens interiores, 247
Isabelle Eberhardt, 247
Annemarie Schwarzenbach, 255
Contemporâneas, 266
Jan Morris, 272
Dezola Murphy, 279
Alexandra Lucas Coelho, 287
Tamara Klink, 296

Notas, 309

Bibliografia, 320

Crédito das imagens, 329

Índice onomástico, 330

Índice de topônimos, 336

Índice de obras, 342

Sobre a autora, 348

Preâmbulo

Este livro nasce de imagens. Em concreto, de imagens que não chegaram a ser vistas.

Em fevereiro de 2010 participei, juntamente com Emília Tavares, na curadoria de uma exposição que mostrava o trabalho fotográfico de Annemarie Schwarzenbach (1908-1942).¹ Esta jovem suíça, morta aos 34 anos em plena Segunda Guerra Mundial, notoriamente desconhecida, tinha vindo a adquirir uma popularidade marginal e quase secreta no domínio da literatura de viagens.

No trabalho de pesquisa que o projecto de curadoria envolveu, procurámos contextualizar a época da autora e perceber até que ponto as viagens que ela fez nos anos 1930 e princípios dos 1940 eram extraordinárias para uma mulher ou poderiam ser consideradas relativamente comuns num determinado contexto social.

Até que ponto poderia ser excepcional duas mulheres arrancarem num Ford Roadster de Genebra até Cabul, completamente sós e sem guias, como fizeram Annemarie e Ella Maillart em 1939? No século XXI, por exemplo, é possível que tal empreendimento fosse considerado um feito, devido não só à instabilidade política no Afeganistão,² mas também ao facto de, hoje em dia, viajar se ter tornado uma proeza que eleva à categoria de audaciosas heroínas as mulheres que se aventuram em jornadas fora do âmbito padronizável da segurança e do conforto turísticos. Voltarei a este assunto mais tarde, mas é assombroso constatar que a questão do género e da suposta fragilidade feminina tenha hoje mais importância do que em épocas anteriores, quando a discriminação de género era mais evidente e notória.

Desde os tempos mais recuados da história, as mulheres sempre viajaram, fosse a sós, acompanhando pais, maridos, em peregrinação,

missão, pesquisa ou simplesmente pelo simples prazer de viajar. E deixaram testemunho disso.

Mas se o leitor pensar, antes de ter lido este livro, em quantas mulheres viajantes conhece ou quantos livros de viagem leu escritos por mulheres, provavelmente falhará qualquer teste de cultura geral nesta área. Talvez já tenha ouvido falar de Gertrude Bell (1868-1926) ou quiçá de Alexandra David Néel (1868-1969), mas não saberá situar exatamente os seus feitos ou a sua obra. Decerto já ouviu falar de Lawrence da Arábia, desconhecendo, porém, que Gertrude Bell foi colega dele, uma perita em política do Médio Oriente e uma das pessoas que ajudaram a constituir o Estado do Iraque, para além de ter sido a primeira diretora do Museu Nacional de Bagdad. Em vida, a sua importância como conselheira da política britânica naquela região do Médio Oriente terá certamente excedido a de T.E. Lawrence, mas o papel de herói romântico, celebrizado no notável filme de David Lean, caberá ao aventureiro Lawrence, e não à laboriosa mas discreta Gertrude.

Talvez tenha ouvido falar, também, do admirável explorador, escritor, tradutor, em suma, desse erudito aventureiro que foi Richard Burton, o primeiro não muçulmano a entrar na cidade de Meca e o homem que deu a conhecer à Inglaterra vitoriana uma excelente e não censurada tradução dos contos orientais d'*As mil e uma noites*, mas o nome da sua mulher provavelmente nada lhe dirá. No entanto, Lady Isabel Burton (1831-1896) acompanhou-o em múltiplas aventuras e também ela escreveu narrativas de viagem.

Foi essa uma das razões pelas quais, e agora voltando novamente à exposição, pensámos incluir um núcleo dedicado a mulheres viajantes contemporâneas de Schwarzenbach ou cuja obra ela conhecesse.

Contrariamente ao expectável, a seleção não resultou particularmente difícil. No século XIX, as mulheres começaram a viajar com alguma intensidade, e a partir da década de 1930 essa tendência reforçou-se. É de supor que Schwarzenbach tenha conhecido a obra de algumas destas mulheres, nalguns casos porque faz

referência a isso nos seus artigos jornalísticos, noutros porque as conheceu pessoalmente, como foi o caso de Ella Maillart ou da alemã Margret Boveri, com quem estive em Portugal.

Razões diversas, no entanto, acabaram por não permitir a constituição desse núcleo que, embora muito embrionário, já começava a desenhar-se, se não nas paredes do museu, pelo menos na nossa imaginação e, sobretudo, na nossa vontade.

Foi essa vontade que me levou a escrever este livro.

Primeira parte

A invenção da viagem

É possível a viagem? É possível ainda a viagem? A pergunta pode soar bizarra numa era em que se expandiram as possibilidades de deslocação e se democratizaram os meios de transporte. Em que é possível apanhar um voo intercontinental *low cost* e ir de Londres a Kuala Lumpur por um preço irrisório. As possibilidades de viagem multiplicaram-se exponencialmente. Mas de que falamos quando falamos de viagem?

Segundo Agustina Bessa-Luís (1922-2019),

Se mudar de lugar é uma coisa cada vez mais possível em condições de dia para dia mais indiscutíveis, viajar propriamente vai-se tornando raro. O que é viajar? Começa uma pessoa por temer o conflito com a sua rotina, e isso é já atmosfera moral duma viagem.¹

Lévi-Strauss é categórico ao anunciar o “fim das viagens”² — ou, mais concretamente, do viajar enquanto experiência profunda e transformadora. Não é por acaso que o seu mais célebre livro, *Tristes trópicos*, começa com a frase “Odeio as viagens e os exploradores”,³ para depois admitir que vai justamente relatar as suas expedições. Mas Lévi-Strauss tem razão ao vaticinar o fim da viagem: o turismo de massas e a homogeneização global tornaram essa experiência impossível. Ou não. O viajante por excelência e escritor Paul Theroux admite ainda a possibilidade da grande viagem, o que não será de estranhar, se considerarmos que vive dela e do que escreve sobre ela. Aos 73 anos, e depois de passar toda a vida a viajar, Theroux ainda consegue redigir uma lista de sítios por onde gostaria de se aventurar, apenas para concluir: “Esta lista não é exaustiva. [...] Olho para esta lista e

penso: Caramba, eu não fui a lado nenhum”.⁴ O mundo é vasto, e as possibilidades infindáveis para este incansável *globetrotter*.

A viagem é um assunto sério. Etimologicamente, em inglês *travel* deriva do francês *travail*, que por sua vez tem origem no termo latino *tripalium*, que designa um instrumento de tortura.⁵ De facto, não é fácil viajar: na melhor das hipóteses, e mais uma vez citando Theroux, viajar significa “perder a inocência”,⁶ perder o nosso conforto, as nossas referências, partir muitas vezes rumo ao desconhecido. É “uma fuga ao inalcançável — que nos obriga a assumir o desconforto e a solidão e a interromper arbitrariamente a vida a que estamos habituados num determinado lugar sem poder dar uma explicação racional”.⁷

Partir com o coração leve na visão de *flâneur* baudelairiana? Ou nostalgia do absoluto? Fuga para que as coisas mudem, como pensava esse imenso viajante que foi Nicolas Bouvier? Ou algo que nos vai penetrando quase insidiosamente? “A viagem é a intimidade do importuno”,⁸ afirmará Agustina.

Quanto mais sei sobre viagens, porque as fiz ou porque li relatos de quem as fez, menos sei por que se parte, o que leva alguém a deixar esse conforto aprazível, porque previsível e conhecido, do lugar que se habita, para ver com os próprios olhos outras terras. Poderá ter-se perdido algo da mística da grande viagem no mundo globalizado e cada vez mais homogêneo em que vivemos, mas quem viaja continuará decerto a reconhecer esse nervosismo que acomete o viajante na véspera da partida e o leva a novos destinos. Talvez porque viajar é essencialmente descobrir, descobriremo-nos a nós e o reflexo da nossa vida nas etapas da viagem, assim como descobriremos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas. Mas é preciso saber ver. Clarice Lispector, essa aventureira tão avessa à viagem, escreveu numa carta de Argel: “Eu conhecia melhor uma árabe com um véu no rosto quando estava no Rio”.⁹ Clarice sabia que viajar significa também imanência, o que é impossível quando o *tour* actual oferece cinco capitais europeias

em seis dias. Não que a viagem tenha de ter uma extensão determinada no tempo, pode durar 24 intensas horas ou dez homéricos anos. O que importa é o que se vê e como se vê, o processo de transformação mental que se opera e nos transforma.

O desejo de mapear nunca é inocente. Mas de onde surge?

Alguns estudiosos¹⁰ consideram que a história cultural das viagens pode ser vista como uma dialética dominante entre dois polos: um que aponta para a visão transcendente das peregrinações; outro que se revela como um processo em aberto e que caracteriza a modernidade. É quanto a mim necessário resistir à tentação de esquematizar a longa história das viagens, na tradição ocidental, como a oposição entre um passado religioso e um presente puramente secular.

A viagem fundadora e de entre todas a mais conhecida da Antiguidade continua a ser a *Odisseia*, relato mítico do regresso de Ulisses a casa, numa espécie de antevisão cristã da viagem, com os seus perigos e tentações, como via da salvação. Na tradição do neoplatonismo, Ulisses é o homem que na sua deambulação atravessa as sucessivas fases do ser. Alguns dos primeiros escritores cristãos, como Basil ou Fulgêncio, na tradição de Porfírio, discípulo de Plotino, caracterizam Ulisses como um pré-cristão que antecipa a sabedoria na sua luta pela virtude.

Se é certo que a viagem nasce da necessidade de, em concreto, nos deslocarmos de um ponto geográfico a outro, ela é vista essencialmente como algo interior, um reflexo da vida e das suas etapas. Mas as suas manifestações exteriores acompanham as condições de vida, razão pela qual nos tempos de maior estabilidade e quando os meios de comunicação vão melhorando encontramos um maior número de viajantes. Foi o que aconteceu no século II, no Império Romano. A paz e a estabilidade tornaram as estradas mais seguras, o que potenciou o número de viajantes e a criação de relatos de viagem. São escritos com características variadas, mas em que predominam as peregrinações, viagens espirituais realizadas a um determinado templo ou santuário.

O reconhecimento, em 313, do cristianismo como uma das religiões oficiais do Império e a sua rápida propagação e hegemonia estabeleceram uma rede de novos lugares e geografias que promoveram a viagem, essencialmente religiosa e espiritual. Roma deixava de ser o centro do Império, que se tinha deslocado para Constantinopla. Na margem dos vastos domínios romanos, um diminuto pedaço de terra, a Palestina, adquiria uma dimensão espiritual que em muito transcendia a sua importância territorial.

As peregrinações realizavam-se agora sob a égide da nova religião, e a Terra Santa era percorrida pelos novos peregrinos, que ansiavam por pisar as paragens atravessadas pelo Messias. Com um guia de exceção — a Bíblia — era possível peregrinar pelos lugares mais sagrados, os quais, embora não exibindo testemunhos diretos e presenciais da vida de Jesus (uma casa onde este tivesse habitado, por exemplo), foram sendo preenchidos com templos, igrejas e monumentos que celebravam seu nascimento, sua crucificação ou morte.

Com a notável exceção dos túmulos de Pedro e de Paulo, em Roma, não se encontravam, fora da Terra Santa, locais sagrados do cristianismo, o que levou a hierarquia da Igreja, perante o crescente número de peregrinos, a promover o culto dos santos e das relíquias. A materialidade dos ossos dos santos, a possibilidade de visitar os seus túmulos, multiplicou a sua existência nos territórios do Império Romano e veio dar uma solução aos anseios da crescente comunidade cristã. Pela primeira vez na história, dava-se resposta à necessidade de viajar.

Curiosamente, um dos mais vívidos relatos sobre estas peregrinações é-nos dado por uma mulher, Egéria, de quem pouco se sabe mas que realizou uma peregrinação à Palestina, partindo de Espanha, onde viveu, no ano de 380.

Para além destas peregrinações, mais características da região mediterrânica, com objetivos específicos, como o de visitar a Terra Santa ou venerar relíquias de um santo em vários pontos do Império, o norte europeu celta desenvolveu um tipo de peregrinação

cujo objetivo não era alcançar um destino específico, mas deixar-se ir numa viagem sem destino, geográfico ou temporal, como prova do amor a Deus. A quintessência da viagem, sem destino, sem duração.

Em qualquer dos tipos de peregrinação desse período, os relatos descritivos não abundam. Só já perto do final da Idade Média começam a surgir textos com mais frequência. Não obstante, os viajantes eram numerosos. No ano 1000, a peregrinação é vista como um ato de penitência e ascendem aos milhares os peregrinos que seguem em grupo rumo ao seu destino. Expiam os pecados da humanidade e agradecem a continuação do mundo que muitos, com aterrorizada expectativa, julgavam, segundo o Apocalipse, que terminaria nesse fatídico virar de milénio.

O islão e a sua conquista da Península, em 711, e de Jerusalém, em 638, não comprometeram sobremaneira as peregrinações, embora ocasionalmente possam ter causado algumas dificuldades. É importante entender que a atitude geral do islão em relação ao cristianismo era de tolerância.

O cristianismo debatia-se, porém, com um dilema geográfico. Ao contrário de outros impérios, em que o poder político se alicerçava nos sinais simbólicos da sua própria dimensão geográfica, a visão cristã do mundo remetia o centro do poder para Jerusalém, fora do seu âmbito geográfico. Não é, pois, surpreendente que a peregrinação tenha dado lugar à cruzada. A viagem ascética transformou-se numa viagem de conquista do poder. De conquista da terra onde se encontrava a força espiritual.

A viagem de conquista e domínio irá influenciar a forma como se viveu a viagem na Europa ocidental, mesmo depois de a motivação religiosa ter deixado de dar o mote justificativo. O Ocidente europeu foi transitando do paradigma da peregrinação para o das cruzadas, dando origem a um modelo de relações de agressividade e de superioridade face a outras culturas.

Essas viagens não se caracterizaram pela curiosidade em relação ao outro ou pelo conhecimento dos seus hábitos. A viagem pelo